



LESÕES POR ATROPELAMENTO EM TAMANDUÁS-MIRINS (*TAMANDUA TETRACTYLA*), EM RODOVIAS DO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, BRASIL.

V Wildlife Clinic Congress, 5ª edição, de 08/07/2024 a 10/07/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-101-1
DOI: 10.54265/SQTZ1902

MANGUEIRA; Danyele Karoline Avante¹, PEREIRA; Fernanda Mara Aragão Macedo², TESTA; Carolyne Assis Eigenheer Pinke³, MELCHERT; Alessandra⁴

RESUMO

A expansão e desenvolvimento de rodovias têm provocado impactos negativos na fauna. O aumento da malha viária provoca fragmentação de habitat, dispersão em animais e acidentes. Um dos impactos visíveis é a mortalidade de espécies devido a colisões entre veículos e animais. Os atropelamentos são as principais causas de morte de animais silvestres em rodovias, entre estes, o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*). A espécie não está inclusa na lista de espécies ameaçadas, no entanto, informações sobre a densidade populacional são escassas. Nem todos os atropelamentos são registrados. Informações são perdidas pela não detecção da carcaça e por alguns animais não morrerem no momento da colisão. Alguns são resgatados e destinados a instituições. O objetivo deste relato foi descrever as lesões externas em 11 carcaças de tamanduás-mirins (*Tamandua tetradactyla*) vítimas de atropelamento em rodovias. As carcaças foram recolhidas por uma concessionária de rodovias, em trechos das rodovias SP 225, SP 256, SP 270, SP 294 e SP 425, no período de janeiro/2019 a janeiro/2022 e encaminhadas até o Parque Zoológico Municipal de Bauru. Na avaliação externa, todos os tamanduás apresentavam uma ou mais lesões corporais, tais como: fraturas em crânio (n=6), costela (n=1), escápula (n=1), fêmur (n=2), pelve (n=2), rádio (n=2), ulna (n=1), úmero (n=2), unha/dígito (n=5), vértebra torácica (n=1), vértebra sacral (n=4); luxações coxofemoral (n=3), tibiopatelar (n=2), umeroradioulnar (n=1), esfoliação em coxim (n=3), epiderme friável (n=1), evisceração (n=2), hematoma (n=5), hemorragia em narina (n=1), hemorragia em ouvido (n=4), laceração em cauda (n=1), lesão em pé (n=1) e queimadura (n=1). O tipo de lesão com maior ocorrência foram as fraturas, em especial as fraturas em crânio, unha/dígito e vértebras sacrais. Dentre o total de lesões observadas, as fraturas representaram 51,9%, sendo que 100% dos animais apresentaram ao menos uma fratura (n=11). O hematoma foi a segunda alteração mais frequente, em 45,5% dos tamanduás (n=5). Notou-se maior incidência de fraturas em geral. Em um levantamento de mortes de tamanduás em rodovias, as fraturas em crânio corresponderam a 40% da causa da morte desses animais e o tamanduá-mirim está entre as

¹ Departamento de Clínica Veterinária, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade do Estado de São Paulo, Botucatu, São Paulo, Brasil. , danyele.avante@unesp.br

² Parque Zoológico Municipal de Bauru, fmamp.vet@gmail.com

³ Departamento de Clínica Veterinária, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade do Estado de São Paulo, Botucatu, São Paulo, Brasil. , carolyne.pinke-testa@unesp.br

⁴ Departamento de Clínica Veterinária, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade do Estado de São Paulo, Botucatu, São Paulo, Brasil. , alessandra.melchert@unesp.br

espécies mais atropeladas em rodovias da região. Consequentemente, tais fraturas podem ser as principais causas da morte dos tamanduás. Medidas mitigadoras devem ser realizadas para evitar futuras colisões, tais como, construção de áreas de passagem de fauna, melhoria na infraestrutura e monitoramento das rodovias.

PALAVRAS-CHAVE: Acidentes, Conservação, Estrada, Fraturas, Xenarthra

¹ Departamento de Clínica Veterinária, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade do Estado de São Paulo, Botucatu, São Paulo, Brasil. , danyelê.avante@unesp.br
² Parque Zoológico Municipal de Bauru, fmamp.vet@gmail.com
³ Departamento de Clínica Veterinária, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade do Estado de São Paulo, Botucatu, São Paulo, Brasil. , carolyne.pinke-testa@unesp.br
⁴ Departamento de Clínica Veterinária, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade do Estado de São Paulo, Botucatu, São Paulo, Brasil. , alessandra.melchert@unesp.br